

## A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS HERMENÊUTICOS FILOSÓFICOS NA EDUCAÇÃO

Jaklane Nunes Rabêlo <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo, através de uma pesquisa bibliográfica, buscou compreender a relação existente entre os estudos hermenêuticos filosóficos e a educação, refletindo sobre as prováveis contribuições desses estudos para o melhoramento do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, procurou-se analisar e discutir questões sobre o fazer pedagógico, ressaltando a necessidade de inserir nesse contexto os conhecimentos e as reflexões trazidas pela hermenêutica filosófica, como forma de auxiliar o professor na compreensão/interpretação da realidade que circunda o processo didático-pedagógico, facilitando seu entendimento frente as relações professor-aluno e professor-curriculo. Com esse propósito, o artigo sugere que haja na educação mudanças significativas de conceitos, comportamento e atitudes que possam contribuir na transformação desse processo de ensino-aprendizagem, tornando-o um pouco mais eficiente e menos excludente.

**Palavras-chave:** Hermenêutica filosófica, Educação, Professor-aluno, Professor-curriculo.

### INTRODUÇÃO

A educação escolar é um espaço em que a linguagem se torna ferramenta essencial para a construção do conhecimento, o diálogo, a troca de experiência, a aprendizagem mútua e a expansão das relações interpessoais. É por meio dela que o sujeito descobre e constrói novas realidades, entra em contato com diferentes subjetividades e aprender a reconhecer, no outro, características que se assemelham ou se divergem do seu modo de ser, pensar ou agir. Nesse encontro com a diversidade, o sujeito é pressionado a tentar compreender/interpretar o outro – a partir da reflexão e do questionamento sobre sua própria subjetividade –, aprendendo a encontrar nos seus próprios valores e conceitos parte das respostas que procura para entender-se e entender as diferentes realidades que constituem o mundo a sua volta.

Nesse espaço, onde a força do diálogo e da interpretação prevalecem, os sujeitos deveriam ter contato direto com conhecimentos que os ajudassem a refletir e questionar sobre

---

<sup>1</sup>Doutoranda e Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana – Assunção/PY (2018). Graduada em Letras Vernácula com especialidade em Linguística e Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em História da Cultura Afro-brasileira pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) - BA e Metodologia da Língua Portuguesa Pela Faculdade Vasco da Gama – BA. Professora Municipal. lanerabelo@hotmail.com.

suas ações, aspirações e concepções. Sempre considerando, nesse processo, a presença e as necessidades do outro e do mundo.

Todavia, sabe-se que, embora a Educação escolar seja um espaço propício para o diálogo, a interpretação da realidade e a constante busca pelo entendimento das diferenças, nem sempre esses princípios têm sido exercitados dentro do contexto didático-pedagógico. Fato que fica bastante evidente quando se procura observar e analisar questões relacionada ao convívio professor-aluno ou ao posicionamento do professor diante do currículo. E essa situação de esquecimento (ou de ignorância), sobre a necessidade de praticar tais princípios, tem transformado o ambiente escolar em um campo favorável para constantes conflitos, decorrentes do preconceitos e da discriminação – gerados pela falta de diálogo e pelo desrespeito as particularidades individuais –, que terminam interferindo e alterando negativamente as relações interpessoais e prejudicando o processo de ensino-aprendizagem.

Frente a essa questão, o presente artigo, tentando compreender melhor a relação existente entre a Hermenêutica filosófica e a educação, procurou analisar algumas situações que envolvem a prática docente e interferem no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando nessa análise a importância da inserção dos conhecimentos hermenêuticos filosóficos, como meio para melhorar o relacionamento professor-aluno e fortalecer o exercício da reflexão e interpretação diante da realidade do aluno e perante o currículo, garantindo, com isso, um processo de ensino-aprendizagem mais reflexivo e humanizado, baseado no respeito às diferenças individuais e na incessante busca pelo entendimento entre os sujeitos.

## **A CONTRIBUIÇÃO DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA PARA EDUCAÇÃO**

A educação formal é um dos mais importantes meios para o desenvolvimento humano e, conseqüentemente, para o aprimoramento das relações pessoais e interpessoais. Através dela, os indivíduos apropriam-se da experiência sócio histórica da humanidade, aprendendo a analisar melhor seu contexto social, e descobrem novas formas de conviver com o outro, compreendendo e respeitando a grande diversidade que constitui o mundo que os rodeiam. No contexto educativo, os sujeitos são, a todo tempo, confrontados pelas diferenças do outro, por isso, deveriam aprender a lidar melhor com os conflitos (internos e externos) que resultam desse processo de estranhamento diante do novo e do diferente, encontrando formas para converterem essa situação em uma oportunidade para amadurecerem psicologicamente e intelectualmente e, assim, poderem transformar essa experiência em algo positivo dentro do seu processo de aprendizagem.

No entanto, nota-se que, na maioria das vezes, essa experiência diante do novo e do diferente tem causado, apenas, situações conflitantes – geralmente, motivadas pelo preconceito e pela intolerância – que perturbam e atrapalham o cotidiano pedagógico, afetando o relacionamento professor-aluno e comprometendo o processo de ensino-aprendizagem. Essa situação ocorre, porque a experiência de defrontar-se com a diferença do outro pode suscitar diferentes reações, podendo ser internalizada tanto como algo positivo, que estimula a reflexão, o respeito e o exercício da solidariedade, quanto como algo negativo, que promove sentimentos como a antipatia, o rancor e a indiferença, trazendo prejuízos psicológicos e emocionais que afetam diretamente o relacionamento professores-alunos e a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem.

A origem desses conflitos, muitas vezes, pode estar relacionada não somente ao fato de como um indivíduo enxerga o outro, mas, sobretudo, na maneira como cada um deles se auto reconhece ou se autocompreende diante das diferenças do outro (TEXEIRA, 2011). Assim sendo, acredita-se que a solução para a redução desses conflitos dentro do contexto pedagógico, pode estar na possibilidade desses indivíduos (professor ou aluno) reaprenderem a relacionar-se com o outro e consigo mesmo, desenvolvendo uma nova consciência de que, antes de buscar compreender as atitudes e o comportamento do outro, é necessário descobrir e compreender as suas próprias atitudes e comportamentos, pois, como sugere Bonfim (2010, p. 05), toda compreensão “implica sempre em uma pré-compreensão que, por sua vez, é prefigurada por uma tradição determinada em que vive o intérprete e que modela os seus preconceitos”.

Nessa busca pela compreensão e interpretação do mundo objetivo e subjetivo é fundamental que se priorize, no processo de ensino-aprendizagem, os exercícios da escuta e do diálogo, pois, essas práticas configuram-se como elementos indispensáveis para aproxima os sujeitos e promover o entendimento entre eles. O exercício do diálogo na sala de aula pode contribuir para a integração de saberes e a construção de novos conhecimentos, favorecendo a convivência harmoniosa, o respeito mútuo e a reciprocidade entre professores e aluno. “O diálogo como princípio filosófico e investigativo transforma, cria espaço para a construção e a exposição de ideias. Complementando-as e corrigindo-as” (LOVERA e NOGARO, 2003, p. 02).

Para Freire (1996), o diálogo propicia à autonomia dos sujeitos. Ele garante aos sujeitos dialógicos não apenas a conservação da sua identidade, mas o estimula a defendê-la diante do outro. E nessa dinâmica, compartilham histórias e aprendem um com o outro. “O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro [...]. Implica, ao contrário, um respeito aos sujeitos nele engajados” (OLIVEIRA e SANTOS, 2007, p. 118).

Todavia, quando analisar-se a história da educação, percebe-se que essa concepção de educação escolar, baseada no diálogo e na reflexão sobre a linguagem, nem sempre prevaleceu. No passado, professores e alunos assumiam posicionamentos distintos dentro do processo de ensino-aprendizagem e a linguagem era restritamente usada, apenas, com a finalidade de transmitir conteúdos e instruir a execução de tarefas escolares. Dentro dessa perspectiva, foram edificados na educação, conceitos e verdades que corroboraram a superioridade dos saberes e a hierarquia dos valores culturais que, ainda hoje tentam inviabilizar o poder integrador do diálogo dentro da sala de aula, contribuindo para o distanciamento pessoal e afetivo entre professores e alunos.

Nessa prática educativa, segundo Freire (1996), por anos, o ensino esteve baseado na teoria da “ação anti-dialógica” que procurava “negar a humanização e a vocação ontológica” da pessoa, negando-a o direito de expressar-se livremente (PASCHOALINO, 2009, p. 18). Com essa atitude o professor tentava inibir e anular no aluno sua capacidade de auto compreensão, impossibilitando-o de despertar sua consciência histórica interna – parte responsável pela a compreensão e a criticidade – para, com isso, inviabilizar a compreensão/interpretação diante dos fatos e situações que compõem a sua realidade externa. Essa atitude reduzia no aprendiz sua capacidade de compreender, pois, segundo Arantes (2013), Heidegger afirma que

O compreender só é possível se percebemos o contexto em que vivemos. O raciocínio lógico que atingimos depende do desenvolvimento da linguagem, através do diálogo, que nos leva a perceber com o outro; no confronto de nossas ideias, somos capazes de criar novos conceitos que contribuem para nosso desenvolvimento, nosso existir (ARANTES, 2013, p. 13).

Com a prática do “anti-diálogo” (FREIRE, 1996), ao invés de gerar aprendizagem, o professor terminava contribuindo para prejudicar o processo de interpretação e compreensão do aluno, fazendo com que esse encontrasse mais dificuldades no momento de produzir elementos cognitivos fundamentais na construção do verdadeiro conhecimento sobre o mundo objetivo e, conseqüentemente, sobre os aspectos que seriam determinantes para o seu desenvolvimento como ser subjetivo. Sendo assim, o professor nesse contexto de “não-diálogo” desconsiderava o fato de que “a compreensão humana se orienta a partir de uma pré-compreensão que emerge da eventual situação existencial, que demarca o enquadramento temático e o limite da validade de cada tentativa de interpretação” (HEIDEGGER *apud* BRITO 2011, p. 07).

Diante disso, entende-se que para se desconstruir essa concepção tradicional do “não diálogo” e da falta de reflexão sobre o fazer pedagógico, faz-se necessário e imprescindível que

os conhecimentos hermenêuticos filosóficos estejam inseridos na educação, para torná-la um espaço mais reflexivo, democrático e humanizado, pois,

A Hermenêutica, enquanto paradigma é também considerada, neste momento, como “base” para uma educação fundada no diálogo, na compreensão da vida e na produção significativa do conhecimento, oferece fundamentação para uma vivência democrática e um auto esclarecimento do agir pedagógico (BERTINETI, 2016. p. 04).

A hermenêutica filosófica, no contexto pedagógico, fomenta a importância do diálogo como gerador do respeito e do entendimento dentro do processo de ensino-aprendizagem, garantindo ao docente uma nova consciência sobre a prática educativa, tornando-o mais sensível diante da realidade dos seus alunos. Nessa dinâmica de “aprender a aprender”, o professor desenvolve sua visão crítica sobre a realidade e compreende a racionalidade que opera a sua prática educativa. Nessa perspectiva, entende-se que a experiência com os conhecimentos filosóficos hermenêuticos, dentro do contexto educativo, pode garantir a descoberta de novas realidades, abrindo o espaço para que a ação docente seja resultado de um processo dinâmico que exige a constante reflexão e o treinamento de procedimentos cognitivos que conduzem o sujeito-docente a autoanálise e o autoconhecimento diante da realidade pedagógica que se apresenta (BERTINETI, 2016, GADAMER, 2000).

O conhecimento hermenêutico filosófico oferece a oportunidade para que os sujeitos envolvidos nesse processo educativo (professor e aluno), ao se relacionar um com o outro, possam colocar em práticas os princípios fundamentais da alteridade, reaprendendo a utilizar o diálogo como ferramenta relevante para a construção do conhecimento sobre as diferentes realidades e para o fortalecimento da própria identidade, pois, como afirma Gadamer (2000, p.10), o diálogo é a chave para esse conhecimento, sendo um espaço para a compreensão mútua, ou seja, “só a partir do diálogo é possível aprender” sobre o outro e sobre si mesmo. Partindo dessa premissa, entende-se que quando o professor se aproxima do aluno e abre o espaço para o diálogo, ele promove uma ação pedagógica que pode ir além da simples transmissão da informação, podendo garantir a descoberta de que por trás do processo de ensino-aprendizagem, há muito mais coisas envolvidas do que o simples desejo do querer ensinar e do querer aprender.

Na realidade heterogênea da sala de aula, além da diferença no desempenho educativo dos alunos, também, existem as diferenças de valores histórico-culturais e de condições de oportunidades (a fome, a falta de afeto, o abandono familiar, a violência doméstica, o trabalho infantil entre outros) que influenciam e interferem no processo de ensino-aprendizagem, alterando o comportamento, a atitude e a expectativa do aluno diante do professor e,

consequentemente, diante do processo de aquisição do conhecimento (BERTINETI, 2016, GADAMER, 2000).

Frente a isso, a hermenêutica mostra que é fundamental promover, dentro da sala de aula, situações comunicativas onde professor e aluno possam usufruir livremente o direito de se expressar, expondo experiências e pontos de vista distintos, de modo a contribuir na dinâmica do processo de compreensão da realidade. Caso contrário, o ambiente pedagógico se tornará hostil, propício a conflitos e pré-julgamentos, afetando e prejudicando a maneira como professor e aluno se enxergam e se relacionam: o professor passa a ser apontado como o “chato” ou o “impaciente”, enquanto que o aluno, passa a ser concebido como o “indisciplinado”, o “preguiçoso”, o “desinteressado”.

Todos esses pré-julgamentos sobre o comportamento e as atitudes do Outro, demonstram claramente que a falta de diálogo e a incapacidade de refletir sobre a realidade subjetiva – do outro e de si mesmo – são fatores geradores de situações negativas, com a antipatia, a falta de afeto e a incompreensão, que podem comprometer e prejudicam o relacionamento entre quem ensina e quem deveria aprender, dificultando ainda mais o processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, vale salientar que – no que tange a relação professor-aluno –, o conhecimento sobre os princípios da hermenêutica filosófica pode causar transformações significativas no contexto educativo, podendo contribuir para modificar atitudes e comportamento que sejam capazes de tornar o fazer pedagógico mais reflexivo e consciente, pautado no senso de liberdade de expressão e no respeito às diferenças individuais/ particulares dos alunos, sempre colocando tais princípios como o centro do processo educativo. No processo de análise e interpretação da realidade educativa é imprescindível que haja, por parte do docente, a preocupação em constantemente reavaliar seus procedimentos de ensino, seus conceitos, seus valores e atitudes, buscando sempre atuar como agente de transformação dentro do processo educativo. Faz-se necessário que o docente torne-se mais críticos, atento e sensível ante as carências educativas e socio-afetivas dos alunos. Pois,

A ação educativa, enquanto reflexão hermenêutica implica que, na compreensão de algo ou alguém, produz-se uma autocrítica. Com o intuito de que o conceito de emancipação não se torne abstração, é necessário pressupor que aquele que compreende não adota uma atitude de superioridade, mas sente a necessidade de submeter a exame sua suposta verdade e coloca em jogo seus próprios preconceitos (GADAMER *apud* ALVES, 2011, p. 25).

Nessa análise, onde se ressalta a importância da hermenêutica para a educação, não basta considerar, apenas, a relação professor-aluno, deve-se, sobretudo, refletir sobre os caminhos que podem facilitar essa interação. Para tanto, faz-se necessário, também, levar em conta a relação professor-currículo, refletindo sobre a forma como o professor se posiciona diante do currículo e o que ele espera desse instrumento, haja vista que, é um dos mais importantes dentro do processo educativo (HORNBERG e SILVA, 2007)

O currículo é uma normativa que determina as ações docentes, operando como ponto norteador para a escolha e a definição dos conteúdos e das competências humanas e sociais que escola e sociedade pretendem desenvolver. Ele determina o tipo de sujeito-social a ser formado, por isso, o docente precisa preparar-se intelectualmente para conhecê-lo, analisá-lo e discuti-lo com bastante cautela e consciência, pois, segundo a perspectiva de Hornburg e Silva, o currículo escolar abrange muito mais que a determinação dos conteúdos a serem repassados, ele envolve

[..]questões de poder, tanto nas relações professor/aluno e administrador/professor, quanto em todas as relações que permeiam o cotidiano da escola e fora dela, ou seja, envolve a relações de classes sociais (classe dominante/classe dominada) e questões raciais, étnicas e de gênero, não se restringindo a uma questão de conteúdos (HORNBERG e SILVA, 2007, p. 01).

Partindo desse pressuposto, entende-se que no processo de análise do currículo, o conhecimento hermenêutico filosófico, como ciência para a elucidação da realidade, pode ser a garantia para uma melhor compreensão e interpretação da das intenções implícitas embutidas na proposta curricular, gerando uma consciência docente mais reflexiva perante os conhecimentos pré-determinados e sua relação com as reais necessidades do aluno e anseios da sociedade.

A relação professor-currículo deveria ser pautada na reflexão e no questionamento, buscando a todo tempo o diálogo com a realidade. O currículo é uma construção histórico-cultural e político-social constituído por diferentes interesses, por isso, o professor ao confrontá-lo, deve estar preparado para identificar a sutileza do poder ideológico que está implícito nos discursos materializados nesse texto, para, por meio do exercício da reflexão-questionamento-compreensão, poder interpretar as verdadeiras intenções que determinam os conhecimentos, as regras e os valores a serem seguidos no contexto educativo, pois,

A construção do currículo envolve uma gama de valores, que vai desde a formação e visão de mundo dos agentes envolvidos neste trabalho, e até na imposição de materiais prontos, onde os profissionais da educação não

possuem sequer a possibilidade de questionar “o que”, “para que” e “como ensinar” (PEREIRA, 2017, p 57).

Desse modo, o conhecimento hermenêutico filosófico pode auxiliar o professor a interpretar, de modo mais eficiente, a realidade expressa no currículo, discernindo, em meio às diversas possibilidades, aquilo que melhor responde as suas perspectivas frente ao processo de ensino-aprendizagem. Ao Compreender seu papel político-social dentro desse processo, o professor determinará com mais consciência a proposta de ensino e as competências que deseja desenvolver no aluno e, a partir dessa proposta, reivindicar o direito de poder gerenciar o currículo e, através disso, poder articular os conhecimentos escolares em conjunto com os conhecimentos exigidos no contexto social, ou seja, o docente estará preparado para reivindicar o direito de poder selecionar e adequar os conteúdos ali sugeridos, de acordo com a sua perspectiva pedagógica e a carência de aprendizagem dos alunos.

A relação professor-curriculo exige, acima de tudo, a capacidade de entendimento sobre as intenções e as expectativas diante do processo de ensino-aprendizagem, por isso, nessa relação, o professor deve ter clareza sobre suas próprias demandas para, posteriormente, sentir-se seguro no momento de intervir no direcionamento dos conhecimentos tradicionais e nos objetivos de aprendizagem. Para tanto, precisa “buscar uma (trans) formação continuada que reveja paradigmas e contribua para reposicionar as teorias e os direcionamentos legais em sua prática pedagógica” (AMÊNDOA, 2017, p. 26).

A análise adequada do currículo, atrelada à reflexão sobre as necessidades dos alunos e o respeito às diferenças individuais, revela a importância de se buscar compreender e interpretar a realidade educativa para além da sua superficialidade e, com isso, poder garantir o direito de o aluno aprender de modo eficiente. Para Crocoli (2012), a busca pela compreensão/interpretação da realidade dentro do contexto pedagógico, confirma a ideia de que a experiência educativa implica apreciar a posição do outro (aluno) como alguém que necessita ter suas capacidades e seus limites respeitados, pois, somente, nesse espaço de abertura, pode se dá o convencimento necessário a respeito dos conteúdos da aprendizagem, e o aluno pode realizar sua própria experiência como aprendiz.

Nessa perspectiva, o conhecimento hermenêutico filosófico pode ser bastante relevante dentro do processo educativo, tanto no que se refere à relação professor-aluno, quanto à relação professor-curriculo, dando um novo sentido a formação docente, por conduzir o professor a uma nova consciência de que “educar é educar-se” (GADAMER, 2000, p. 09) e educar-se significa re-aprender a posicionar-se criticamente diante do mundo, do outro e de si mesmo.

Portanto, a visão hermenêutica contribui para que dentro, ou fora, da sala de aula, as pessoas possam compreender que a aprendizagem é resultado de um processo dialógico, em que o encontro com outro pode representar uma exigência para realização da autoanálise, auto compreensão e autocrítica sobre os próprios valores e crenças. Uma ocasião para que tanto o professor, quanto o aluno possam, por meio do exercício da alteridade, perceber que é na linguagem (oral ou escrita) que o processo educativo se realiza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a hermenêutica o processo de interpretação/compreensão se realiza através da linguagem, por isso, o diálogo é considerado elemento essencial para o desenvolvimento dessa ação. Através do diálogo o sujeito interprete é desafiado a descobrir, no discurso do Outro, novas realidades e a refletir sobre diferentes experiências histórico-sociais e culturais, inclusive sobre suas próprias experiências. Dialogar é entrar em conexão com o outro, seja por meio de uma conversa ou através da interpretação de um texto. A hermenêutica como paradigma filosófico oferece à educação a garantia da realização de um processo de ensino-aprendizagem mais aberto a interação comunicativa entre os sujeitos, onde o diálogo, o respeito às diferenças individuais e a preocupação com a formação humana tornam-se importantes aspectos a ser considerados, tanto no processo que envolve a relação professor-aluno, quanto no que envolve a relação professor-currículo.

A consciência hermenêutica reconhecer a linguagem como ponto de partida para a transformação do processo de ensino-aprendizagem, por isso, valoriza a força do diálogo e respeita as diferenças de pensamentos e de condição humana, gerando, com isso, um maior entendimento sobre o processo de ensino-aprendizagem e sobre os aspectos que condicionam as relações interpessoais no âmbito educativo. O pensamento hermenêutico é capaz de intervir e modificar o processo de ensino-aprendizagem, transformando-o em um espaço propícia para a interação dialógica, a compreensão mútua e a reciprocidade de aprendizagem entre os sujeitos.

Portanto, diante de tudo que já foi discutido, entende-se que a contribuição da hermenêutica filosófica na educação não se restringe, apenas, a questão da mera busca pela compreensão da realidade, mas, sobretudo, no fato de estimular comportamentos e atitudes docentes que visam a transformação dessa realidade interpretada, dando um novo sentido as práticas pedagógicas, por buscar na reflexão sobre a dificuldade do aluno o motivo para a

atualização dos conhecimentos do docentes e a reorganização do processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Marcos Alexandre. **Da hermenêutica filosófica à hermenêutica da educação**. Acta Sicientiarum. Education, vol. 33, núm. 01. 2011. Disponível em: <http://ojs.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/viewFile/11265/7421>. Acesso em: 27 de Março de 2018.

AMÊNDOA, Roberta. **Professor: o gestor do currículo**. Revista Educatrux. Ano 07. N. 12, p. 26 a 29. Moderna. 2017.

ARANTES, Cloê Schmedt. **A Racionalidade na Filosofia da Consciência e na Hermenêutica Filosófica e suas implicações para a educação**. 2013. Disponível em: [http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2013/relatorios\\_pdf/ctch/EDU/EDU-Clo%C3%AA%20Schmidt%20Arantes.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2013/relatorios_pdf/ctch/EDU/EDU-Clo%C3%AA%20Schmidt%20Arantes.pdf). Acesso: 11 de Fevereiro de 2018.

BERTINETI, Elizane Pegoraro; BRUM, Mara Lucia Teixeira; OLIVEIRA, Neiva Afonso. **Hermenêutica e Educação: um Diálogo com a Realidade**. Revista gestao universitária. Edição: Nov. 2016. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos>. Acesso: 09 de Março de 2018.

BONFIM, Vinícius Silva. GADAMER E A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA. Revista CEJ, Brasília, Ano XIV, n. 49, p. 76-82, Abr./Jun. 2010.

BRITO, Rosa Mendonça de, [et. Al]. **A hermenêutica e o processo de construção do conhecimento**. Disponível em: [http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Rosa\\_Britto\\_Hermeneutica.pdf](http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Rosa_Britto_Hermeneutica.pdf). Acesso: 17 de Março de 2018.

CROCOLI, Daniel José. **Contribuições da hermenêutica filosófica de Hans Georg Gadamer para a educação**. Seminário de pesquisa em educação da região Sul. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996. – (Coleção leitura).

GADAMER, H-G, **La educacion es educarse**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2000.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo II**. Petrópolis; vozes. 1989. In BRITO, Rosa Mendonça de, [et. Al]. **A hermenêutica e o processo de construção do conhecimento**. Disponível em: [http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Rosa\\_Britto\\_Hermeneutica.pdf](http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Rosa_Britto_Hermeneutica.pdf). Acesso: 17 de Março de 2018.

HORNBURG, Nice. SILVA, Rubia da. **Teorias sobre currículo: uma análise para compreensão e mudança**. Vol. 3. N. 10. Jan e jun./2007. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/520266/TEORIAS-SOBRE-CURRICULO>. Acesso: 03 de março de 2018.

LOVERA, Cleci Luisa; NOGARO, Arnaldo. **O diálogo como princípio filosófico**. Rev. Ciênc. Hum. Educ., Frederico Westphalen - ISSN 1981-9250. Disponível em: [www.revistas.fw.uri.br](http://www.revistas.fw.uri.br). Capa. v. 4. n. 4. 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. SANTOS, Tânia Regina Lobato. **A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares**. PPGED / UEPA: Educação Popular. n.06 – 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-3039-int.pdf>. Acesso: 26 de fevereiro. 2018. Acesso: 13 de Março de 2018.

PASCHOALINO, Renata. **Relações dialógicas entre professor e aluno na sala de aula a partir das contribuições de Paulo Freire**. RA: 272078. São Carlos. 2009.

PERREIRA, Charlene Alana Altieri. **A construção do currículo na Gestão democrática**. Revista paulista de Educação. Vol. 01. N. 01. 2012. Disponível em: [http://hotsite.bauru.sp.gov.br/arquivos/website\\_rpe/arquivos/Artigo3.pdf](http://hotsite.bauru.sp.gov.br/arquivos/website_rpe/arquivos/Artigo3.pdf). Acesso: 12 de Março de 2018.

TEIXEIRA, Odete Érica Jardim. **Estudo da Gestão de Conflitos no Ensino básico Português. Universidade de Granada**. Faculdade de ciências da educação, departamento de didáctica e organização escolar. Tese Doutoral. 2011. Disponível em: <https://hera.ugr.es/tesisugr/20956022.pdf>. Acesso: 09 de Fevereiro de 2018.